

MÍDIA E EDUCAÇÃO: REGISTROS DE UMA PESQUISA¹

Wagner da Costa Silva²

RESUMO

O avanço dos meios de comunicação é uma realidade irreversível em nossa sociedade. No Brasil, onde políticas efetivas para aproximar os campos da Comunicação e da Educação ainda não foram formuladas, as tramas tecidas entre as duas áreas não criaram raízes. Contudo, iniciativas isoladas são desenvolvidas e conquistam resultados expressivos, fazendo com que alunos que se sentem estranhos ao ambiente escolar, pautado no paradigma hegemônico de troca de saber, voltem a se encantar com a escola. Neste texto, trazemos vozes de estudantes do Projeto Poronga, programa de correção de fluxo desenvolvido no estado do Acre, que usa como principal recurso teleaulas da Fundação Roberto Marinho. Depois de anos fora da sala de aula, os alunos dizem ser o uso da televisão um dos pontos mais positivos do programa que tem modificado os índices da educação acreana.

PALAVRAS-CHAVE: Telecurso 2000; televisão; Projeto Poronga.

ABSTRACT

The advancement of the media is an irreversible reality in our society. In Brazil, where effective politics for approach the field of Communication and Education haven't yet been formulated, the threads woven between the two areas didn't take root. However, isolated initiatives are developed and achieve impressive results, making students that feel strange in the school environment, based on hegemonic paradigm of knowledge exchange, return to enchant with the school. In this text, we bring the voices of Project Poronga's students, program flow correction developed in the states of Acre, which uses its main feature the Roberto Marinho Foundation's Telecurso. After years out of the classroom, student say the use of TV is one of the most positive aspects of the program that has modified the contents of Acre education

Keywords: Telecurso 2000; Television; Poronga's Project

Mídia e educação: tecendo aproximações

De modo contundente os meios de comunicação vêm modificando a forma como nos relacionamos e transitamos nesse cenário atual de mudanças, definido por muitos pesquisadores como era pós-moderna. Um cenário de fronteiras geográficas menos rígidas, de economia globalizada e de trânsito incontável de informação, que tem incluído e excluído sujeitos que ocupam diferentes papéis no tecido social.

¹ Área de conhecimento: Educação para os media.

² Professor Adjunto do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Acre. Ufac. Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense – UFF.

Na sociedade contemporânea, onde muitos são os instrumentos que permitem ao homem se comunicar, os meios de comunicação estão no centro das discussões quanto ao papel que desempenham em terrenos como o da política e da educação. De acordo com Marcondes Filho (1981, p.64):

Na sociedade tecnocêntrica os meios de comunicação ocupam papel central na vida das pessoas. Eles reestruturam toda a sociedade assim como fazem com que a economia, a política, a cultura, a religião, o lazer, o esporte reorganizem-se agora em função da sua veiculação na comunicação. A marca desta era é que as coisas não valem pelo que elas são, elas só valem se forem comunicadas, divulgadas pelo sistema de comunicação, se mediadas por esse processo.

Assim como a mídia, a escola tem sido protagonista de inúmeros debates. Os mais apocalípticos afirmam que ela acabou, perdeu o sentido diante de um mundo onde o conhecimento está por todos os lados, mediado pelos meios de massa. Esse tipo de afirmação tem sido feita de forma recorrente por pessoas das mais diversas classes sociais e que ao longo da vida teceram diferentes relações com o ambiente escolar. No entanto, apesar do momento confuso que atravessa, a escola continua a ser protagonista das experiências que ajudam a constituir a maioria das pessoas.

Na visão de Kenski (2008), “as instituições educacionais, como instituições sociais, não se acabam ou perdem seu sentido, elas se atualizam”. No entanto, diante das transformações que se colocam em curso, decorrentes do avanço eminente dos meios de comunicação e das novas formas de apropriação de conhecimento, a autora destaca que “o sistema educacional está em crise e em transição para uma versão particular que não se baseia em modelos pré-definidos”.

Diante das inúmeras transformações em curso, a educação que hoje é rígida, pouco adaptável às realidades dos sujeitos que habitam o universo escolar, tende a torna-se mais fluida, mais flexível, em movimentos que permitem o cruzamento de diferentes disciplinas a partir da incorporação de novas possibilidades de linguagem, onde se destacam as linguagens midiáticas em seus diferentes matizes: textos, imagens, sons etc.

Todavia, a relação mídia e educação não se limita a simples inserção dos artefatos tecnológicos no cotidiano das salas de aula, como se eles fossem capazes de resolver problemas que perpassam outros setores da nossa educação, como a escassez de recursos, a remuneração deficitária dos professores, o desprestígio social da categoria e a formação de nossos docentes, por exemplo. Como destaca Masseto (2010, p.139),

“não é a tecnologia que vai resolver ou solucionar o problema educacional do Brasil. Poderá colaborar, no entanto, se for usada adequadamente, para o desenvolvimento educacional de nossos estudantes”.

Tanto a mídia quanto a escola possuem regras e códigos próprios, o que também deve ser destacado. Não é raro encontrar professores que não se sentem preparados para trabalhar com os conteúdos *provenientes* dos meios de comunicação ou que, por não saber como usá-los, os tornam sem significado, não conseguindo atrair a atenção dos estudantes. Além do mais, os alunos levam para as salas de aula uma visão de que o conteúdo transmitido pela televisão, o rádio, a internet ou estampado nas capas do jornais, são meios de entretenimento, fazendo uma diferenciação do mundo fora da escola com aquele existente por entre seus muros. A escola é vista como lugar de aprendizado, o que é associado a presença e fala do professor.

Melo e Tosta (2008) diferenciam as lógicas que regem a mídia e a escola. Para os autores, a instituição escolar tem seus alicerces fundados na racionalidade iluminista, trabalhando de modo seqüencial, ordenado e sistemático, enquanto a mídia se estruturou de forma mais ágil, acompanhando os princípios da modernidade para atuar como um mosaico: informal, veloz e disperso.

As diferenças destacadas pelos autores, vão ao encontro da nova realidade vivida pelos jovens ao consumir produtos midiáticos. Enquanto na escola o conhecimento transmitido pelo professor parte de uma relação de dois pólos, do emissor para o receptor, no mundo dos produtos midiáticos a lógica de consumo é a da complexidade, onde as informações vão se sobrepondo em camadas, pequenos fragmentos que surgem em janelas na tela do computador ou celular. Diante desse cenário de mudanças, Silva (2010) ressalta que a juventude em particular vem passando por uma “mutação perceptiva”. Transita da “percepção tradicional” estática, linear à percepção baseada na colagem de fragmentos.

Nessa perspectiva, abre-se um horizonte que deve ser pensando quando se discute a inserção das novas tecnologias da comunicação no ambiente das salas de aulas. É importante que esse movimento não obedeça apenas a lógica que tradicionalmente rege a escola, pautada ainda na relação estática do emissor – receptor, nem seja mais uma estratégia para vestir a escola com as cores da modernidade, sem

que essa relação provoque mudanças efetivas na forma como professores e alunos passem a dialogar de forma efetiva com os conteúdos no processo *ensinoaprendizagem*.

Na pesquisa que desenvolvemos junto ao programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal Fluminense, procuramos investigar o papel da televisão em um programa de correção de fluxo, intitulado Projeto Poronga, desenvolvido no estado do Acre desde o ano de 2002.

O uso da televisão é apontado pelos estudantes como um dos principais fatores para sua volta e permanência na escola, pois permite a apropriação de conhecimento por meios de outras linguagens, que não apenas na relação vertical professor-aluno, o que instiga o aprendizado.

Telecurso 2000: entre a mercantilização e o compromisso educacional

A história do Telecurso no Brasil remete à década de 70, quando a Rede Globo de televisão, principal meio de comunicação de nosso país, cria a Fundação Roberto Marinho, em 1978. Empresa sem fins lucrativos produz, em parceria com o Ministério da Educação e a Fundação Padre Anchieta, mantenedora da TV Cultura de São Paulo, o Telecurso 2º Grau, primeira experiência de teleducação com abrangência nacional.

De acordo com Siebert (2005), a evolução do Telecurso desenvolve-se em três diferentes momentos. A primeira fase tem início em 1978, quando a Rede Globo de Televisão começa a transmitir o Telecurso 2º Grau. Assistindo aos programas e comprando os fascículos que eram vendidos nas bancas de jornal, as pessoas podiam concluir os ensinamentos Fundamental e Médio (na época chamados de 1º e 2º graus). O diploma era conseguido por meio das provas aplicadas pelo próprio governo. Para chamar a atenção do maior número de pessoas, a emissora usou figuras conhecidas do seu *casting* para protagonizar as teleaulas. Nomes como Marília Gabriela e Denis Carvalho, foram alguns dos primeiros apresentadores.

As disciplinas ofertadas nesse primeiro momento foram as seguintes: Geografia, Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Matemática, Inglês, Moral e Cívica, Organização Social e Política do Brasil. Química, Física e Biologia. Eram divididas em módulos que duravam um semestre; depois de cumpridos os três módulos os inscritos participavam dos exames supletivos realizados pelas Secretarias de Educação. As teleaulas, com 15 minutos de duração eram transmitidas diariamente para todo o Brasil por 39 emissoras, incluindo a Rede Globo e afiliadas e mais 9 TVs educativas. Na TV

Globo a exibição acontecia no período da manhã, e nas demais emissoras educativas do país em horários alternados.

Com a venda do material para acompanhamento das teleaulas sendo realizada em bancas de jornais, Claro (2005) aponta que já existia nesse procedimento um indício do processo de mercantilização da educação que tomaria conta do nosso país, em que empresas como a Fundação Roberto Marinho, por exemplo, vendem seus materiais para secretarias de educação de estados e municípios, sem que possuam relações efetivas como as localidades, precarizando o trabalho dos professores e comprometendo, em muitos casos, a formação dos estudantes. Para Gentili (1995) as instituições escolares têm se tornado, cada vez mais, alvo dos produtos emanados da cultura de massa e de poderosos conglomerados de mídia, como as Fundações Roberto Marinho e Victor Civita, que têm financiado projetos educativos, para os quais produzem materiais didáticos e paradidáticos em suas indústrias editoriais, recebendo apoio do Estado que compra tais produções ou as financia.

Siebert (2005) destaca que a segunda fase tem início em 1981. Em parceria com a Fundação Bradesco e a Universidade de Brasília (UnB), é criado o Telecurso 1º Grau, voltado para as quatro últimas séries do ensino fundamental. Se, num primeiro momento, pensava-se que o êxito do projeto estaria assegurado apenas com o ato de assistir às teleaulas, nesse segundo passo ocorre um esforço no sentido de oferecer estímulos à pesquisa, à leitura e ao debate, com pequenas mudanças nos materiais didáticos.

O terceiro momento tem início em 1994, quando o programa deixa de ser Telecurso 1º e 2º graus e passa a se chamar Telecurso 2000. A partir desse momento, a Fundação Roberto Marinho passa a ter os seguintes parceiros: Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), Ciesp (Centro das Indústrias do Estado de São Paulo), Sesi (Serviço Social de Indústria), Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) e IRS (Instituto Roberto Simonsen).

De acordo com Picanço, para a produção do material do Telecurso 2000 existiu em todo o processo, uma separação do *pensar* e do *fazer*, do *técnico* e do *pedagógico*, que não dialogavam, o que denota uma fragmentação do processo. Os custos para produção foram da ordem de 43 milhões de dólares, subsidiados pela FRM e pelos parceiros envolvidos no projeto. Sobre o processo de elaboração do material didático do Telecurso 2000 foi marcada por uma intensa fragmentação do trabalho, que partia do pressuposto da separação entre as ações de concepção e realização, do pensar e do fazer. Foram requisitados profissionais com competências relacionadas à elaboração de

conteúdos, tanto quanto pessoas ligadas às técnicas de produção televisiva. Mais de 100 especialistas de diversas universidades do país atuaram no projeto. Em tese, apenas a produção televisiva ou técnica ficou a cargo da FRM – para a qual contratou a produtora independente TVN.

A elaboração pedagógica ficou sob a responsabilidade da FIESP, que providenciou a contratação de professores e a elaboração dos textos das aulas e livros, impressos pela Editora Globo. A produção do material envolvia a elaboração de um texto básico que era enviado à TVN, a produtora fazia os roteiros e devolvia-os para a aprovação dos professores e posterior gravação, edição e finalização dos programas

A adoção dessa forma fragmentada de trabalho mostra que o TC 2000 foi pensado como uma linha de produção, em que cada um dos sujeitos tinha um papel definido sem que discussões entre os diferentes envolvidos acontecessem no percurso, o que poderia contribuir para o redesenho do material. Esse processo de produção de conteúdos educativos em massa, destituídos de uma preocupação política, sofre severas críticas por parte de alguns autores. Picanço (2001), aponta que esse modelo de educação de massa, que vem sendo adotado no Brasil, se preocupa prioritariamente com a disseminação de informações e não necessariamente com a reflexão e reencaminhamentos quase sempre necessários aos processos educativos.

O que nos dizem os alunos de um programa de correção de fluxo

Para a produção deste texto, contei com a companhia de dois estudantes que freqüentam as aulas do Projeto Poronga numa escola da periferia da cidade de Rio Branco, capital do Acre. Karina tem 14 anos, nunca foi reprovada, mas por motivo de doença se distanciou da escola pelo período de um ano. Rodrigo tem 16 anos, e possui um itinerário escolar diferente da estudante Karina, pois já sofreu duas reprovações e mudou de escola por quatro vezes.

Nascidos no Acre, os dois estudantes carregam em suas falas o orgulho por viver no estado. Mesmo reconhecendo as dificuldades ainda existentes para quem mora em território acreano, Karina diz ser um motivo de honra morar no Acre, “pois apesar” de pouco desenvolvimento se comparado com o de outros estados, somos iguais a eles, pois temos a nossa história”. Rodrigo fala que é muito bom viver no Acre, já que “o estado tem muita coisa bonita, como a floresta, rio e muita gente que gosta de ajudar as outras pessoas”.

Tanto Karina quanto Rodrigo são adolescentes que já possuem uma íntima relação com os meios de comunicação. Mesmo morando em Rio Branco, uma cidade distante dos grandes centros, os dois estudantes dizem acessar a internet regularmente, o que possibilita a esses jovens manter contato com amigos de outras regiões do país, por meio das redes sociais como o Facebook e programas de troca de mensagens *online* como o MSN, assistem diariamente televisão e possuem telefones celulares.

Ao viverem com intensidade a realidade acreana, e transitarem por outros espaços por meio da internet, os dois estudantes são um espelho dos muitos jovens de hoje, sujeitos que vivem o local e transitam de diferentes formas pelo global, e sobre os quais muitas escolas não buscaram compreender. Como destaca Libâneo (2003, p.14) “os problemas da vida real na sociedade (global e local), os interesses em que os alunos estão envolvidos, outras formas de saber, não se fazem presentes na sala de aula”.

Estudantes de um programa de correção de fluxo que tem na televisão o principal recurso, os dois adolescentes mostram em suas falas visões bastante críticas em relação às escolas do ensino regular, por onde passaram antes de chegar ao projeto. Ao questionar a estudante Karina sobre a diferença que ela sentiu ao entrar no programa de correção de fluxo das aulas que assistia nas escolas do sistema regular, ela deu a seguinte resposta: “aqui no Poronga é melhor porque a teleaula mostra muitas coisas interessantes e dá mais vontade de estudar. Os alunos não ‘fica’ só esperando a professora falar como no regular”.

A partir de sua colocação, a estudante abre uma discussão sobre o quanto a relação vertical professor/aluno, onde um fala e outro escuta, mostra-se esgotada nos dias atuais. Diante da autonomia conquistada ao descobrir culturas, aprender fazendo, como acontece nas relações tecidas entre os jovens e os artefatos tecnológicos, ao chegar ao ambiente escolar, os estudantes se sentem incompletos ao perder essa *autonomia da descoberta* e passar a uma posição de submissão, tornando-se refém apenas do que os professores transmitem, sem que o diálogo aconteça.

O estudante Rodrigo, que foi para o projeto em suas palavras “pra não ficar atrasado e adiantar um pouco mais”, diz que a mudança do regular para o programa de correção melhorou a sua relação com a escola, e um dos principais motivos são as teleaulas.

Achei que aqui ficou melhor. A professora dá mais atenção e a gente aprende com a professora e com a teleaula, não é só de um jeito. Quando eu tava no regular achava que só o professor falando ficava

meio chato sei lá, era meio assim, cansativo, aqui eu acho que aprendo mais com a professora e com a teleaula. (Rodrigo, aluno do Poronga)

A fala dos alunos vai dando pistas que eles não querem mais habitar um espaço onde é preciso apenas ouvir o professor e serem copistas do que é colocado no quadro, com pouca ou nenhuma interação, o que torna a sala de aula um espaço cinza, sem o colorido da vida que acontece além de seus muros. Como denuncia Lévy (2005), “a escola é uma instituição que há cinco mil anos se baseia no falar/ditar do mestre, na escrita manuscrita dos alunos”.

Essa visão tradicional de escola gravita o pensamento dos estudantes. Na visão de Karina, o ensino regular “é só na escrita”. Para Rodrigo, no Projeto Poronga, “tem o professor e tem a teleaula. Não é só uma coisa”. A teleaula é apontada como algo que desperta a curiosidade, que ao unir o som e a imagem com a presença e a fala do professor durante as aulas, facilita o aprendizado, tornando o conteúdo “mais explicado”, segundo o estudante Rodrigo.

Em suas observações, os dois alunos mostram sinais que sentiam falta de outros suportes nas salas de aula do ensino regular, que não apenas a voz do professor e o que é escrito no quadro. O interesse dos estudantes pelo que é mostrado nas teleaulas, é uma consequência da relação que eles mantêm com os artefatos tecnológicos fora do ambiente, e quando chegam dentro das salas de aula eles não se desfazem, continuam ligados em um mundo tecnológico. Como bem lembra Castells (2002), os efeitos das novas tecnologias têm alta penetrabilidade porque a informação é parte integrante de toda atividade humana, individual ou coletiva e, portanto, todas essas atividades tendem a serem afetadas diretamente pelas novas tecnologias.

Por meio do que é transmitido pelas teleaulas, os estudantes sentem os conteúdos de outros modos e a curiosidade é aguçada. Rodrigo, por exemplo, diz que: “a teleaula mostra muita coisa bonita que não tem no Acre. E que pelo que já tinha visto nas aulas, queria conhecer as belezas do Rio de Janeiro”.

Na opinião de Karina, a teleaula é uma dinâmica “legal”, que ajuda a compreender o assunto melhor que o regular que “é só baseado na escrita.” A união de duas linguagens é apontada pela estudante como um dos fatores positivos do projeto e que a faz melhor compreender os assuntos. De acordo com a estudante, ter a teleaula na escola é bom porque “quando assistem a teleaula os alunos aprendem mais, porque o vídeo explica bem e depois a professora complementa.”

Quando estudava só com o professor explicando, a estudante fala que não entendia o assunto muito bem, pois “sem as teleaulas os professores não explicam melhor.” Para a aluna, o projeto deveria ter mais teleaulas, já que “algumas pessoas têm muita dificuldade e a teleaula ajuda a tirar as dúvidas.”

Rodrigo, por exemplo, afirma ter “dificuldade de pegar as coisas” e quando estudava no ensino regular sofria muito com a mudança de professores, pois no regular eram sete. Como o Projeto Poronga trabalha com a unidocência, em que o mesmo professor dá aula de todas as disciplinas, o estudante acha que isso é positivo para ele:

No começo senti muita diferença, porque antes era um horário marcado dos professores. Agora, é um professor o dia todo para dar atenção, um professor só, antes eram sete professores. Era uma hora pra você fazer aquilo, com horário marcado e depois mudava de assunto, e era muito corrido e não “dava” de prestar atenção, porque ainda tinha que copiar. (Rodrigo, aluno Projeto Poronga)

Apesar do estudante sentir-se mais confiante em um programa onde todas as disciplinas são trabalhadas por um único professor, caso que acontece no Poronga, devemos considerar que essa estratégia sacrifica esse profissional que ao longo da história tem sofrido das mais diversas formas: jornada excessiva de trabalho, novas exigências da sociedade, remuneração precária, bem como a estrutura dos locais de trabalho, que em grande parte reclamam melhorias.

Assim como Karina, Rodrigo também aponta aspectos positivos nas teleaulas. Acostumado antes a estudar “só com o professor”, ele diz que com a teleaula “fica mais explicado”, porque a “teleaula explica bem explicado”. O estudante diz que as imagens são a melhor coisa da teleaula, porque só com o professor fica “meio enjoativo”, e ele aprende outras coisas que no Acre não tem, como o “relevo do Rio de Janeiro, o clima e outras coisas”. Rodrigo diz também que o projeto deveria ter mais teleaula, “porque a televisão sempre mostra coisas novas e a pessoa fica com mais curiosidade”.

Fica evidente a necessidade de a escola ampliar o leque de linguagens utilizadas em sala de aula, que não podendo mais se esgotar no oral e no escrito, num mundo que já fala de outros modos e reivindica outros olhares para o processo educativo. Diante do exposto, os meios de comunicação parecem até conter, em sua gênese, potencial para dinamizar os modos de ensinar/aprender, levando conhecimento a todas as camadas da sociedade, incluindo onde antes se excluía, como no caso dos estudantes que encontram em programa que usa a televisão o incentivo para voltar e permanecer na escola.

O progresso científico e tecnológico que não responde fundamentalmente aos interesses humanos, às necessidades de nossa existência, perdem, para mim, a significação (...). A um avanço tecnológico que ameaça milhares de mulheres e de homens de perder seu trabalho deveria corresponder outro avanço tecnológico que estivesse a serviço do atendimento das vítimas do progresso anterior. Como se vê, esta é uma questão ética e política e não tecnológica. (...) Não se trata de inibir a pesquisa e frear os avanços, mas de pô-los a serviço dos seres humanos. (FREIRE, 1996, p.130).

Considerações finais

Em nossa sociedade, em que as crianças e jovens chegam às salas de aulas possuindo uma considerável bagagem de conhecimentos, acumulado em grande parte pelo contato cada vez mais precoce com os artefatos tecnológicos, o cenário que se vê é o de uma escola ainda pautada na homogeneização e nas relações verticais entre professores e alunos, uma instituição que parece ainda não ter mergulhado nos novos mares pelos quais os sujeitos que por ela transita já navegam.

Nas falas dos estudantes do Projeto Poronga, com os quais dialogamos neste texto, fica marcada a importância da televisão enquanto instrumento que aguça curiosidade, que os faz sentir os conteúdos de modo diferente, sendo importante para sua permanência na escola. Espaço de onde saíram muitas vezes por não se sentirem instigados a frequentar, por se pautar, ainda, pelo discurso autoritário do professor ou pela homogeneização dos sujeitos num mundo que reivindica respeito às individualidades.

Os diálogos construídos mostram a insatisfação desses novos sujeitos nascidos sob o signo de uma sociedade pautada nas linguagens midiáticas, com a escola ainda alicerçada nas metodologias tradicionais de transmissão de conhecimento, com predomínio das formas escrita e oral.

5. Referências

CASTELLS, M. **Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CLARO, Patrícia de Tililio. **Telecurso 2000: a telessala como espaço de recepção, de gestão da comunicação e de ensino-aprendizagem**. Dissertação de Mestrado Universidade Estadual Paulista. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia, Saberes Necessários à Prática Educativa.** São Paz e Terra, 1996.

GENTILI, Pablo e SILVA, Tomás Tadeu (org). **Neoliberalismo, qualidade total e educação.** Petrópolis: Vozes, 2a ed., 1995.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência.** Rio de Janeiro: Editora 34

KENSKI, Vani Moreira . **Educação e tecnologias o novo ritmo da informação.** 4a.. ed. Campinas São Paulo: Papyrus, 2008

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente.** São Paulo. Cortez, 2003.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Sociedade Tecnológica.** São Paulo: Editora Scipione, 1994.

MELO, José Marques de; TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia e educação.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

PICANÇO, Alessandra de Assis. **Telecurso 2000 e o problema da educação em massa no Brasil.**

SIEBERT, Silvânia. **Análise discursiva do Telecurso 2000: o acontecimento discursivo no módulo de língua portuguesa.** Dissertação de Mestrado Universidade do Sul de Santa Catarina. 2005

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa.** Rio de Janeiro: Quartet, 2000.